



## Competitividade na África Subsariana: Hora de avançar

---



[Antoinette Sayeh](#)

28 de janeiro de 2016

A região da África Subsariana está a enfrentar graves choques associados ao acentuado declínio dos preços das matérias-primas e à restritividade das condições financeiras mundiais. Nesse contexto, é um bom momento para fazer um retrospecto da experiência de crescimento recente da região e analisar a relação entre as taxas de crescimento e a competitividade. A medida em que as empresas da África Subsariana são capazes de competir face aos seus concorrentes estrangeiros (ou seja, a medida em que são competitivas) pode, de facto, desempenhar um papel na manutenção do crescimento no futuro.

O rápido crescimento da África Subsariana nos últimos anos tem sido uma das histórias de sucesso da economia mundial. Este crescimento tem sido abrangente (dois terços dos países têm usufruído de mais de 10 anos de crescimento sustentado; um quarto, mais de 20 anos de crescimento ininterrupto), acompanhado por uma melhoria clara nos resultados de desenvolvimento (a pobreza diminuiu, ao passo que a expectativa de vida e as taxas de mortalidade materna e infantil melhoraram).

### **Ponto fraco do crescimento**

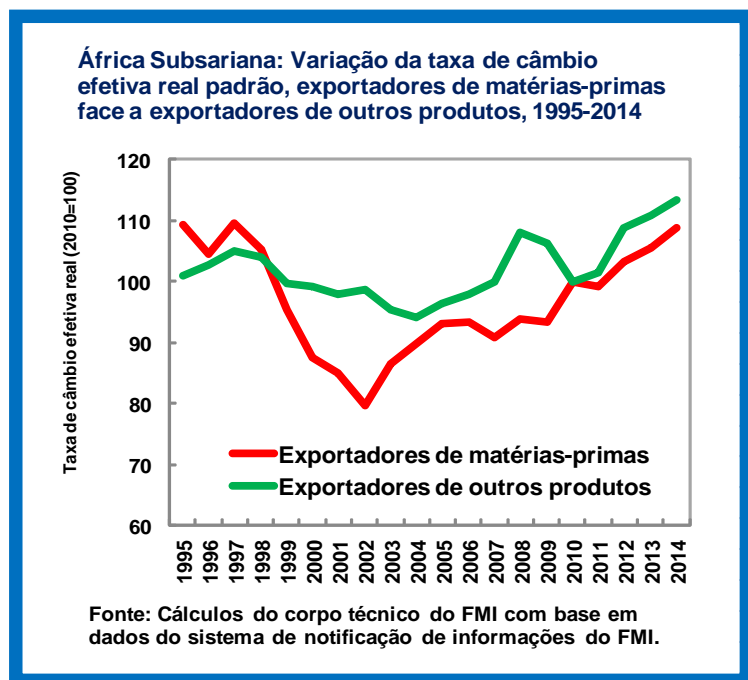
Contudo, a experiência de crescimento também tem um ponto fraco. Na grande maioria dos países, o crescimento foi acompanhado pela deterioração dos défices da balança corrente externa. Até certo ponto, tal refletiu os grandes investimentos (muitas vezes com um elevado conteúdo de importações) que os países têm realizado para abordar as suas necessidades em termos de infraestruturas, esforços que devem dar frutos no futuro. Posto isto, o desempenho das exportações da região nas duas últimas décadas não foi encorajador apesar da prevalência dos elevados preços das matérias-primas. As exportações da região enquanto percentagem do comércio mundial quase não aumentaram desde meados dos anos de 1990, e as exportações de produtos manufaturados, em particular, têm estado bem atrás do resto do mundo.

O que isto significa em termos de competitividade da região? Esta é uma pergunta que os meus colegas tentaram responder na mais recente edição do relatório sobre as [Perspetivas Económicas Regionais](#). Abordamos a questão de dois ângulos: como é que evoluíram os indicadores tradicionais de competitividade, como as taxas de câmbio efetivas reais, e em que medida é que a competitividade influenciou o desempenho do crescimento.

### Indicadores tradicionais: uma imagem não muito bonita...

Da nossa análise dos indicadores da competitividade ressaltam duas conclusões principais:

- Depois de adquirir competitividade durante parte dos anos de 1990, muitos países da África Subsariana perderam terreno continuamente. Em especial, a competitividade dos exportadores de matérias-primas degradou-se acentuadamente devido às suas taxas de câmbio efetivas reais terem registado uma apreciação de quase 40% entre 2002 e 2014.
- Em 2014, os níveis de preços em muitos países da África Subsariana, sobretudo nos exportadores de matérias-primas, eram consideravelmente mais elevados do que os de um grupo de países de baixos rendimentos comparável (Bangladesh, Camboja, República Democrática Popular do Laos e Vietname) que, nos últimos anos, usufruíram do êxito da diversificação das suas exportações e da integração nas cadeias de valor mundiais.



A ausência de competitividade de preços foi exacerbada por estrangulamentos estruturais – em particular, instituições fracas, oferta limitada de mão-de-obra qualificada e lacunas em termos de infraestruturas, o que tornou a região onerosa para os produtores. Por exemplo, no Índice de Competitividade Global mais recente compilado pelo Fórum Económico Mundial, os países da África Subsariana receberam algumas das classificações mais baixas do mundo. Uma preocupação ainda maior é o avanço limitado desde meados de 2000, com a persistência de grandes estrangulamentos nas infraestruturas, na base tecnológica e no fornecimento de serviços de saúde e educação. Dito isto, é altamente encorajador que o inquérito tenha

mostrado que países como as Maurícias, África do Sul, Ruanda, Botswana, Namíbia, Quênia e Seicheles apresentam classificações do Índice de Competitividade Global comparáveis às médias registadas noutras regiões emergentes e em desenvolvimento do mundo, o que demonstra que o forte aumento da despesa com infraestruturas nos últimos anos possibilitou a diminuição dos custos em vários países.

Outra conclusão interessante que nos fez refletir é a forma como a maior participação no comércio mundial dos países de baixos custos, emergentes e em desenvolvimento, efetivamente intensificou o nível de concorrência. Em muitos casos, esta mudança compensou parcial ou até totalmente as reduções de preços que os países na região conseguiram alcançar.

### **Influenciou o crescimento?**

Considerámos depois os períodos de *crescimento sustentado* em todo o mundo para analisar em que medida é que a competitividade influenciou o crescimento. O crescimento sustentado é definido como períodos de cinco ou mais anos sucessivos de crescimento real per capita superior a 2% ao ano. Verificou-se que ao longo de toda a amostra analisada (1980-2014), a África Subsariana registou menos períodos de crescimento do que outras regiões, mas a incidência desses episódios aumentou consideravelmente desde 2000.

Mais interessante ainda, no período desde 2000, parece ter havido dois tipos diferentes de episódios de crescimento sustentado na região. Em cerca da metade dos países, preços mais elevados das matérias-primas e/ou uma recuperação após conflitos parecem ter desempenhado um papel importante no fomento do crescimento. No entanto, na outra metade, o crescimento foi acompanhado por competitividade sustentada e até por uma certa diversificação nas exportações em alguns países (Burquina Faso, Etiópia, Gana, Quênia, Ruanda, Tanzânia e Uganda).

### **Implicações de política**

De tudo isto, retiro três conclusões importantes:

- Os fortes resultados de crescimento dos últimos anos não devem obscurecer o facto de a competitividade se ter deteriorado, em particular em muitos dos exportadores de matérias-primas extrativas, e de ser necessária uma ação de política sólida, tanto de uma perspetiva macroeconómica como estrutural, para restaurar a competitividade.
- No curto prazo imediato é importante manter a estabilidade económica – incluindo onde existem regimes de taxas de câmbio flexíveis – permitindo que a taxa de câmbio se deprecie e absorva o impacto dos choques.

- Mas as reformas estruturais de médio prazo que fomentam a liberalização do comércio, reforçam as qualificações no mercado de trabalho e melhoram as instituições e as infraestruturas são igualmente ou talvez ainda mais importantes para alcançar melhorias duradouras da competitividade.

Concluindo, uma vez que os elevados preços das matérias-primas e a liquidez mundial abundante estão a desvanecer rapidamente, a África Subsariana necessita de recuperar a competitividade agora para diversificar as suas economias, sustentar taxas de crescimento elevadas e criar emprego para a sua crescente e jovem força de trabalho, que se estima venha a aumentar drasticamente à medida que o resto do mundo começa a envelhecer.

\*\*\*\*\*

**Antoinette Monsio Sayeh** é Diretora do Departamento de África do FMI. Foi Ministra das Finanças da Libéria e trabalhou anteriormente para o Banco Mundial durante 17 anos. Antes de assumir funções no Banco, ocupou cargos consultivos na área económica dos Ministérios das Finanças e do Planeamento da Libéria.